

# 02

Carlos Nuno Lacerda Lopes

Arquitectura e modos de habitar

Conversas com arquitectos

## JOÃO ÁLVARO ROCHA

“(...) era um gabinete pequeno, completamente artesanal em que não existiam prazos. Quer dizer, podia telefonar um cliente a dizer: “então e o meu projecto? Vai-me entregar amanhã?”, “Ai! Nem comecei”. Havia uma maneira muito particular de abordar, de fazer o projecto. E uma coisa realmente excepcional e rara, tanto na altura como hoje, é que as pessoas entravam no gabinete, não como colaboradores, mas desde logo como autores.”

**02**

**Carlos Nuno Lacerda Lopes**

**Arquitectura e modos de habitar**

**Conversas com arquitectos**

**JOÃO ÁLVARO ROCHA**

## NOTA PRÉVIA

Arquitectura e Modos de Habitar | Conversas com Arquitectos

A edição deste livro é produzida através dos trabalhos realizados no Centro de Inovação em Arquitectura e Modos de Habitar (CIAMH), integrado no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

O CIAMH actua preferencialmente como um observatório sobre os fenómenos de inovação na arquitectura centrada nos novos modos de projectar, novos modos de construir e novos modos de habitar os espaços arquitectónicos na contemporaneidade. Tem como foco de estudo a Arquitectura segundo três linhas de investigação que se procuram interligar com vista à compreensão dos fenómenos contemporâneos da produção arquitectónica na sua relação com (i) o projecto e com as novas metodologias de concepção, (ii) com a construção e a introdução de novas e velhas tecnologias, materiais e processos construtivos, e, por fim, (iii) com a compreensão dos fenómenos de utilização, ocupação e adaptação desta arquitectura aos modos de vida nas suas complexas realidades, quer geográficas e urbanas, quer políticas e sociais, quer tecnológicas e materiais, ou seja, com a realidade múltipla que nos conforma e que a Arquitectura também forma.

A colecção que decidimos agora editar tem por base um conjunto de entrevistas, conversas e reflexões com alguns dos mais representativos arquitectos da mais reconhecida escola de arquitectura portuguesa, geralmente referida como “Escola do Porto” que, mais do que um local de ensino, designa sobretudo um modo especial de ver o mundo, de estar no mundo e, sobretudo, de actuar e construir esse mundo.

Este é apenas um exemplar desta colecção e nessa medida é, tão-somente, um elo de uma cadeia maior que ganhará outra identidade e expressão numa leitura global que convidamos o leitor a realizar. Diríamos que é uma parte de um discurso que se deve compreender no seu todo, de modo a enquadrar melhor os fenómenos da criação, da construção e da produção da arquitectura através das palavras de alguns dos seus protagonistas, os seus autores e assim podermos perceber as variantes e invariantes de um modo de ver e de fazer arquitectura no início do séc. XXI em Portugal.

Deste modo, procuramos cumprir um dos objectivos presentes em qualquer trabalho científico: o de promover, partilhar, divulgar e, sobretudo, disseminar, para além do conhecimento produzido, as conclusões, os dados obtidos ou, tão apenas, o material recolhido. Num primeiro olhar, é exactamente disto que se trata: divulgar, dar a conhecer, permitir que outros desenvolvam e aprofundem as suas pesquisas e os seus modos de ver a Arquitectura que Portugal, em dado momento, realizou sem qualquer interferência ou interpretação.

O que pensam os nossos arquitectos, como vivem, como são as suas casas e como se relacionam com a profissão, com as obras que produzem e como as produziram, como eram e são os seus clientes, o que lhes pediam, como resolviam os seus problemas e, sobretudo, como participam e se interligam com a sociedade, são alguns dos temas que estas conversas visitam sem subterfúgios e em discurso directo.

O facto de muitas destas entrevistas terem sido realizadas há quase uma década, com alguns nomes de referência no panorama da arquitectura nacional, e alguns deles já não se encontrarem entre nós, reforça o valor e a importância documental deste trabalho, permitindo um distanciamento esclarecedor que o tempo já ajudou a filtrar.

Ao longo destas páginas e desta pequena colecção procuramos compreender o processo evolutivo da construção de um ideal de arquitectura, de profissão, de sociedade e de escola que, de um modo claro e objectivo, estas “conversas com arquitectos” nos oferecem, tendo por base uma reflexão pessoal e aberta sobre a arquitectura e os modos de habitar e construir Portugal no início de um novo século que se adivinhava portador de novos e complexos desafios à sociedade e à arquitectura.

Talvez por isso, a pertinência desta colecção que nos permite esclarecer e entender as inquietações teóricas e práticas bem como as circunstâncias que fundamentam a arquitectura portuguesa dos dias de hoje.

## INTRODUÇÃO

João Álvaro Rocha em detalhe.

*“Passar uma tarde inteira com um detalhe”* podia ser o título desta reflexão que João Álvaro Rocha nos oferece e espelha, de um modo muito preciso, quer a sua formação e origem, quer o seu modo de ver e de fazer o projecto, as suas obras, a sua Arquitectura.

Poderíamos dizer que conhecíamos bem João Álvaro Rocha quando efectuámos esta entrevista realizada há já uns anos, mais precisamente em Fevereiro de 2003. Conhecíamos a sua forma de estar e de ver a Arquitectura, o modo como criticava os trabalhos dos alunos, o modo como procurava uma justificação para o desenho de uma dada solução e, sobretudo, o modo como avaliava a Arquitectura que se construía e que se faz por aí. Afinal, tínhamos já trabalhado juntos na docência da disciplina de Projecto IV na FAUP, conjuntamente com muitos outros arquitectos, sob a regência do Professor arquitecto Pedro Ramalho, coordenador científico desta unidade curricular.

Como é frequente, os pontos de vista, a análise, os conceitos, os modos de ver, o processo de desenho, o entendimento do programa, a sua importância, a ligação ao sítio, a percepção do lugar e a sua abstracção, entre outros temas, eram conversa diária a propósito das diferentes solu-

ções, ideias e dúvidas que os alunos colocavam aos professores. Para além disto, o conhecimento e a visita às suas obras, que há muito tempo acompanhávamos, levam-nos a dizer que havia já uma experiência prévia que informava e enquadrava a conversa que decidimos marcar para um fim de tarde, na Maia, no seu branco e recente escritório.

De um modo geral, as entrevistas foram realizadas e gravadas num pequeno espaço que montámos como se de um estúdio se tratasse, num gabinete da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Aí, fizemos passar alguns dos nossos convidados, ilustres arquitectos e professores da casa na sua grande maioria. Diria simplesmente amigos com quem partilhámos momentos de vida e de intensa actividade académica mas também alguma actividade profissional.

A ideia de serem entrevistados num mesmo espaço, num cenário expressamente desenhado, permitia assegurar um idêntico enquadramento, posicionamento e reacção ao espaço, pois sabemos bem a importância do mesmo na construção do nosso discurso e na nossa reacção às questões e temas que pretendíamos abordar de um modo aberto, formal, centrado na pessoa do entrevistado e na sua visão e experiência de vida. Nessa medida, pretendíamos obter um registo documental, ou seja, que o seu discurso se orientasse para uma reflexão próxima do testemunho pessoal.

Na generalidade, as entrevistas foram realizadas neste estúdio, apenas com três excepções: Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira e João Álvaro Rocha. Todos por diferentes motivos, mas a causa transversal foi sempre a dificuldade

de agenda e, sobretudo, a necessidade de não arrastar no tempo a realização deste trabalho que importava também comparar e avaliar numa determinada circunstância e num certo período temporal, ou se quisermos, época ou contexto. Por isso, justifica-se a nossa decisão de, em certos casos, nos deslocarmos aos escritórios dos entrevistados, para assim completarmos o nosso projecto.

Assim foi com o arquitecto João Álvaro Rocha, não jogamos em casa e fomos ao seu território, com “câmaras, luzes e acção”, falar acerca das nossas motivações, dúvidas e interesses e das suas experiências, modos de ver e fazer a sua e a nossa Arquitectura Portuguesa.

Como seria de esperar, e como poderão verificar, a conversa foi de rigor e de procura de esclarecimento permanente, tal como a sua arquitectura. O debate insere-se no quadro conceptual e racional que João Álvaro Rocha procura construir para depois decantar e tornar próximo de um processo ou ideal para-científico, que é o seu modo tão próprio e exclusivo de ver a Arquitectura, de interpretar as condicionantes e as suas encomendas, de conceber e organizar os programas, de processar a informação e de fazer ou de construir os seus projectos. É o mesmo que dizer construir a sua Arquitectura, pois os seus projectos não existem sem uma base sólida, sem um desejo de materialização, ou seja, sem um pensamento com vista à execução.

Nesta medida, é uma entrevista onde percebemos o contexto ou o território intelectual que João Álvaro Rocha define para aí construir os seus modelos, que a invocação de outros autores e arquitectos, que bem conhece e estima,

é sempre bem-vinda e não se relaciona com uma mera procura de continuidade formal ou estilística, mas, sobretudo, resulta da proximidade ou identidade com os pressupostos teóricos que a sustentam e que lhe está na origem. Não deixará de ser interessante comparar alguns parágrafos e a coincidência dos mesmos com outros autores e arquitectos noutras conversas futuras.

A complexidade do seu discurso, por vezes, parece contrastar com a clareza da sua procura de decisão e com a pertinência da sua justificação para a Arquitectura que desenha e procura construir, sem concessões, sem rupturas e “sem subterfúgios ” como diz.

O valor dos princípios, o valor da pesquisa pelo desenho, a metodologia assente nos sistemas de construção, associados ao processo da aparente libertação da forma e à procura de desenvolvimento de uma linha de continuidade, evidenciam o seu sentido, o seu esforço de inclusão e de contribuição para um alinhamento que a “Escola do Porto” faz passar como seu.

João Álvaro Rocha é um dos autores que mais a fundo explora algum do léxico e da linguagem formal e espacial que este modo de ver e fazer Arquitectura tem evidenciado. Com religiosa continuidade de um movimento que por aqui se actualiza e se desenvolve numa permanente oposição e por isso se mantém, ainda hoje, como um estudo de caso que, inesgotavelmente, parece saber o segredo do perpétuo moderno.

Podemos verificar que o seu entendimento da Arquitectura passa por um longo e árduo trabalho de pesquisa

e de recolha de informação dispersa e diversa que informa a dinâmica do projecto, não no sentido técnico ou programático, que pouco lhe interessa. Depois passa por um processo de verificação de continuidades, de procurar manter relações, conhecer os limites e em simultaneidade trabalhar em oposição, sem cortes com o passado, mas também sem procurar manter os valores da tradição, afinal o desejo do moderno e da novidade num desenho feito por si e para si. É, sobretudo, o seu modo de ver, reflectido e inteligente, que aparece como fio condutor de um processo de criação e justificação da sua própria obra.

O culto pelo desenho, por uma ideia de rigor, pela expressão comunicante, pela forma ou matéria que a concretiza e edifica, não resulta de um somatório de acontecimentos ou processos mas, tão apenas, da vontade de racionalizar, experimentar, transformar e, sobretudo, construir. Por isso, existe uma lógica quase de essência e de redução porque, mais do que projectar, mais do que desenhar, o que importa ao arquitecto é a sua passagem à obra e à construção.

Metodologicamente, percebemos que há neste arquitecto uma ideia de continuidade com os modos de ver e de fazer mais antigos, onde o tempo de concepção, desenho e produção eram mais claros e assumidos, talvez influenciado pelo seu início de actividade profissional onde não havia muito trabalho a fazer e o tempo fazia parte do processo de desenvolvimento das soluções. Nesta medida, podíamos dizer que o projecto é, tão apenas, um processo dirigido à construção. No entanto, todo o seu discurso leva-nos a

acreditar numa certa obsessão pelo desenho, pelo rigor, pela racionalização do processo e por uma ânsia de justificação, onde a sua grande capacidade de exercício profissional e de domínio de processos construtivos e de projecto, claramente evidentes na sua obra, não lhe permitem desenvolver soluções não tipificadas presas ao gosto de descobrir, experimentar, arquitectar novas e diferentes soluções, mas, sobretudo, criar em consonância com uma ideia totalizante que parece aqui querer perseguir.

Por isso, nos diz que sempre entendeu os “ (...) *projectos das casas como oportunidades de ensaiar muitas coisas, independentemente das condições do projecto. Ensaia muitas coisas que depois eram úteis, e retomadas noutros projectos, o que é uma coisa que para mim sempre foi fundamental. A obra ou o projecto não me interessa. Evidentemente que toda a gente (penso eu) fará a mesma coisa, que é: em cada projecto e em cada obra tenta fazê-lo/a da melhor maneira possível. Mas o que me interessa é o percurso, é perceber sempre o que é que falha numa coisa, para não acontecer outra vez. O que é que passa de um projecto ou de uma obra para o outro/a. Ou seja, essa continuidade, esse percurso, é que penso que é fundamental. Aí é que aprendemos. Se ficou bonito ou feio, desculpem-me, mas isso para mim é secundário. Não me interessa. Interessa-me muito mais perceber a coerência da decisão, e, naturalmente, a coerência do resultado. Senão não vale a pena discutirmos.*”

Há um ideal de inscrição no seu discurso e na sua obra. Aqui, nesta conversa, falamos de um modo franco da sua

formação e do seu modo de ver a Arquitectura, do ensino e da profissão, da sua casa, das suas casas e, sobretudo, para quem projecta e como são os seus clientes e amigos. Falemos então da Arquitectura e de modos de habitar, projectar e construir, não só de casas... Mas também de tudo um pouco, do resto, do banal, do circunstancial que o "tudo" por vezes encerra.

Falemos de João Álvaro Rocha, das suas casas, do seu tempo ou, como melhor disse Herberto Helder, do "(...) *sagaz exercício de um poder, tão firme e silencioso, como só houve no tempo mais antigo*" e, neste aspecto, como parecem antigos estes tempos em que vivemos com tanto tempo para o detalhe, outra vez!

Porto, Julho de 2012

Carlos Nuno Lacerda Lopes